

Os relatos autobiográficos sobre depressão nos discursos jornalísticos da Folha de S. Paulo¹

Amanda Borba da SILVA²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O artigo visou entender como os relatos de si sobre depressão ajudam a construir discursos jornalísticos sobre o transtorno. Para tanto, empreendemos uma análise discursiva (FOUCAULT, 2009) das matérias sobre o assunto publicadas na Folha de S. Paulo de 1º de janeiro de 2020 a 31 de dezembro de 2022 – período da pandemia de Covid-19. Utilizamos na análise estudos de Foucault (2001) sobre o si-mesmo e o outro, compreensões de Dunker (2021) sobre a depressão e o conceito de sujeito cerebral de Vidal e Ortega (2019). Identificamos a prevalência da representação discursiva da depressão como sofrimento neuroquímico e/ou associada ao desempenho profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão; Jornalismo; Discurso.

INTRODUÇÃO

Na esfera jornalística, a saúde mental vem ganhando cada vez mais visibilidade, sendo possível encontrar matérias sobre o assunto para além da editoria de saúde, especialmente sobre a depressão. Um caso recente foi a cobertura da saída de Simone Biles dos Jogos Olímpicos de 2021. A atleta se ausentou voluntariamente da competição por equipes sob a justificativa de não pôr em risco sua saúde mental. A profusão de matérias jornalísticas, não apenas no Brasil, deu destaque à voz da ginasta como uma pioneira ao tratar desse tema no esporte de elite, sugerindo que o caso representava um grande corte no meio esportivo em relação ao tema da saúde mental. Assim, o caso terminou agendando o assunto na mídia e trazendo à luz os transtornos mentais e a depressão como a grande protagonista entre os sofrimentos psíquicos no contemporâneo (DUNKER, 2021).

Desconfiamos, entretanto, do diagnóstico que coloca a desistência da atleta como um fato isolado e pioneiro no meio esportivo e que o tema da saúde mental tenha vindo à tona na mídia devido ao caso Biles. Acreditamos, pelo contrário, que não apenas a saúde mental como a depressão são temas que estão em visibilidade e circulação em diferentes meios e plataformas, muito antes dos Jogos Olímpicos de

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, e-mail: amanda.borba@ufpe.br.

2021. Um exemplo é a matéria “Saúde deixa de ser tabu e vira tema obrigatório no esporte mundial”(CASTRO, 2020), publicada na Folha de S. Paulo em 12 de janeiro de 2020. O texto traz depoimentos de reconhecidos atletas de elite que contam suas experiências com a depressão e a ansiedade e as dificuldades de se sentir vulnerável em um ambiente em que a competição é imperativa. Entre os relatos, chama a atenção o do nadador americano Michael Phelps, que ainda em 2018 trouxe a público a informação de que tinha pensamentos suicidas. Na matéria da Folha, ele diz: “Eu não queria mais estar no esporte, eu não queria mais estar vivo” isso porque ele se “sentia dentro de um grande estado de depressão” (CASTRO, 2020).

A publicação é um exemplo entre outros de que depressão e saúde mental são assuntos recorrentes na esfera jornalística, todavia não podemos deixar de notar que os relatos autobiográficos de Simone Biles deram força a um movimento que já existia de se falar mais sobre o assunto. A ginasta contribuiu para a construção de uma narrativa sobre a *necessidade de se falar sobre transtornos mentais* não apenas no mundo do esporte, dando margem a abordagens que exploram o tema dentro do contexto mais amplo de trabalho e da exigência por produtividade. Os relatos de Biles parecem convergir para uma tendência bastante evidente de exposição de experiências com o sofrimento, a partir de depoimentos em primeira pessoa, nos meios de comunicação (SIBILIA, 2016).

Os relatos de si sobre a depressão chamam a atenção pela força adquirida como imagem do sofrimento no contemporâneo, além disso contribuem para a circulação de determinados discursos sobre o transtorno. Assim, nossa pesquisa se moveu no sentido de responder à seguinte questão: quais discursos sobre a depressão os relatos autobiográficos no jornalismo ajudam a construir e disseminar? O objetivo da investigação é compreender como os relatos de indivíduos que convivem com a depressão, incorporados ao discurso jornalístico, contribuem para produzir sentido sobre o transtorno e quais sentidos são esses.

A importância de pensar a respeito de como se constitui o sujeito depressivo é que as visões ou representações do que é andam de mãos dadas com as decisões sobre como estudá-lo, entendê-lo e tratá-lo. Em outras palavras, implicam processos de subjetivação (FOUCAULT, 2015), que estão diretamente relacionados à produção de modos de ser.

METODOLOGIA

Inicialmente, então, coletamos produções jornalísticas da Folha de S. Paulo, delimitando o recorte temporal de 1º de janeiro de 2020 a 31 de dezembro de 2022, compreendendo o período da pandemia de Covid-19 – que consideramos um marco significativo para os debates sobre saúde mental. Na coleta, restringimos nossa busca por textos que apresentassem relatos autobiográficos sobre a depressão como fundamentais para a construção da matéria. Ou seja, os gêneros perfil e entrevista foram privilegiados, embora algumas reportagens que se desenvolveram a partir de relatos de si também foram consideradas para a construção do nosso *corpus*.

Para selecionar essas publicações, utilizamos o sistema de busca do Acervo Folha, no site do veículo, e buscamos pela palavra-chave “depressão”, delimitando o recorte temporal citado anteriormente. A partir do resultado encontrado, empreendemos uma leitura flutuante de todas as publicações na intenção de identificar aquelas que traziam o termo empregado no contexto desejado³, a saber, a depressão como um transtorno mental. Além disso, essa primeira leitura nos permitiu identificar os textos em que os relatos de si eram fundamentais para a construção discursiva do veículo. Assim, 33 publicações cumpriram os requisitos para compor o nosso *corpus* de pesquisa. A escolha pela Folha de S. Paulo foi devido a sua representatividade no jornalismo brasileiro bem como pelo alto índice de audiência, sendo um dos jornais mais lidos do país⁴.

A análise discursiva (FOUCAULT, 2009 [1971]) foi o método de pesquisa escolhido para esta investigação por melhor atender aos nossos interesses. Assim, a partir do mapeamento dos relatos autobiográficos sobre a depressão, identificamos a circulação de certos discursos sobre a depressão, construídos a partir desses pontos de vista.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para analisar os relatos de si focos de nossa investigação, utilizamos os estudos de Foucault a respeito do si-mesmo e da relação bios-logos (2001), a fim de entender

³ Algumas matérias jornalísticas utilizavam o termo depressão no contexto econômico, em que o termo se refere a recessão econômica.

⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-impresos-circulacao-despenca-161-em-2022/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

como os dizeres sobre si constituem o próprio indivíduo em relação com o Outro e o engendra numa ética de responsabilidade. Entendemos que relatar-se a si mesmo é uma exposição de si que visa à avaliação de um outro, ou seja, tem como objetivo submeter-se ao crivo daquele que o interpela e que, por sua vez, recebe o relato segundo um conjunto de normas que permite o reconhecimento daquele que fala por aquele que ouve. Os estudos do teórico nos permitiu, ainda, compreender como a medicina passou a gozar de prestígio desde a modernidade até os dias atuais, o que foi fundamental para articular nossos estudos com a emergência do discurso psiquiátrico e de saúde mental na mídia.

Além disso, o conceito de sujeito cerebral, de Fernando Vidal e Francisco Ortega (2019) foi central para o nosso estudo. Os autores demonstram como o cérebro adquiriu, na contemporaneidade, *status* superior em relação aos demais órgãos do corpo humano, apresentando-se como o limite somático do *self* e como isso repercute nos modos de vida das pessoas.

Por fim, a teoria do agendamento (MCCOMBS, 2004) nos permitiu refletir sobre como a cobertura do caso Biles articulou-se com publicações anteriores e posteriores na Folha de S. Paulo sobre saúde mental, no período delimitado da pandemia de Covid-19, compreendendo uma produção de sentido abrangente – no tempo e no espaço – sobre o assunto.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Identificamos aproximações entre esses relatos, como o uso de um vocabulário tecnocientífico relacionado a tratamentos da depressão e ao funcionamento cerebral; a dimensão testemunhal; uma intenção pedagógica; e a dependência do saber de especialistas para o cuidado com a saúde. Além disso, vimos que há um forte vínculo entre mídia e medicina, que permite fazer circular certas verdades científicas que repercutem no entendimento e na convivência com a depressão.

A análise identificou, ainda, a recorrência de discursos que 1) aliam saúde mental à performance profissional; 2) incentivam o uso de medicamentos associado a psicoterapias; 3) trazem o recorte racial e de gênero à discussão sobre saúde mental. Além disso, em menor medida, alguns relatos abordaram a possibilidade de terapias alternativas – como meditação e ioga – como saídas para o transtorno. Chamou a

atenção também alguns discursos contestatórios, que colocavam a depressão como uma pauta política, ao inserir o tema, por exemplo, numa discussão mais ampla sobre maternidade, raça ou gênero.

Sobre a produção de sentido midiática a respeito da depressão, ficou claro que a saúde mental já era um tema em profusão discursiva antes da pandemia de Covid-19, mas que o fenômeno influenciou no aumento do número de matérias sobre o tema e nas abordagens utilizadas, que privilegiaram os impactos dos protocolos de segurança, como o isolamento social e o *lockdown*.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Daniel E. de. Saúde mental deixa de ser tabu e vira tema obrigatório no esporte mundial. *Esporte, Reportagem*, Folha de S. Paulo, 12 jan. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/giJKL>. Acesso em: 29 abr. 2023.

DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Fearless Speech**. Organização de Joseph Pearson. Nova York: Semiotext, 2001.

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2004.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. **Somos nosso cérebro?** Neurociências, subjetividade, cultura.. Trad. Alexandre Martins. São Paulo: n-1 edições, 2019.